

Diário de Petrópolis, 14 de março de 2022.

Sinais dos Tempos (1ª Parte)

Por: Ronaldo Fiani

Uma das tarefas mais necessárias para um economista neste momento é identificar os “sinais dos tempos”. Por sinais dos tempos aqui, entenda-se os fatos que indicam uma mudança nas tendências da economia brasileira e mundial: caberia aos economistas identificar estes sinais, e apontar quais são estas novas tendências.

Curiosamente, não é sempre que isto acontece. Economistas com formação mais convencional, que acreditam que o ideal de mercados livres e com intensa competição são uma descrição razoável do mundo real resistem a reconhecer que na verdade não é assim: poucos são os mercados competitivos que funcionam livremente, normalmente se limitando às commodities. Os mercados dos produtos e serviços que embutem tecnologia que seja mais sofisticada, na grande maioria das vezes têm poucas empresas (são oligopólios), e são justamente os mercados mais dinâmicos na economia global, que movem a economia em novas direções.

Estes economistas preferem se aferrar às suas crenças no que deveria ser a descrição de uma economia ideal, e se negam a abandonar uma visão da economia que está longe da realidade em qualquer lugar do mundo. Para agravar esta incapacidade de perceber a realidade econômica, estes economistas acreditam que política e economia não estão relacionadas, e que se houver alguma relação entre as duas, a política está interferindo indevidamente com a economia, pois os mercados funcionariam “sozinhos”.

Na realidade não é bem assim. Considere o caso do dólar, por exemplo. O dólar é a moeda que funciona como reserva de valor no mundo, ou seja, quando alguma empresa ou banco deseja manter uma quantidade de dinheiro em uma reserva mais segura, opta pelo dólar. Por que isto acontece? Porque os Estados Unidos é o país mais poderoso do planeta: não apenas a economia mais rica, mas o país que ninguém se atreveria desafiar militarmente.

Isto tem uma consequência importante do ponto de vista econômico, não apenas do ponto de vista político: os Estados Unidos atraem aplicações financeiras de todo o mundo na sua moeda. Mais especificamente em títulos do Tesouro norte-americano, que são denominados obviamente em dólar. Todos querem ativos denominados em dólar, como estes títulos do Tesouro norte-americano, mesmo a Rússia, que desde a invasão da Crimeia vinha reduzindo a parte de suas reservas internacionais em ativos denominados em dólar, mantinha no início da Guerra da Ucrânia em torno de 15% de suas reservas em títulos dos Estados Unidos.

Ocorre que, como os Estados Unidos atraem aplicações financeiras de todo o mundo, pois a sua moeda é muito procurada por ser a moeda do país mais poderoso do planeta, não há dificuldade para financiar o déficit público norte-americano. Qualquer maior que seja o déficit, sempre haverá recursos para financiá-lo. Não foi por acaso que, no início da Grande Recessão em 2008, mesmo quando os Estados Unidos ofereceram seus títulos com taxa de juros praticamente nula (a taxa foi praticamente zerada para reduzir os danos à atividade econômica provocados pela recessão), não houve qualquer dificuldade para encontrar compradores para estes títulos. Nenhum outro país dispõe desta liberdade para financiar o seu próprio déficit.

Deste modo, política e economia estão frequentemente caminhando juntas, e não só por conta de sanções econômicas em momentos de guerra, como este que estamos vivendo. Quando se trata de economia internacional, esta união entre economia e política é ainda mais importante, pois os graus de liberdade dos diferentes países na gestão de suas próprias economias estão diretamente associados ao seu poder político e militar.

Desta forma, mudanças políticas como as que estamos vivendo na última década possuem profundas consequências econômicas, e cabe ao economista identificar estas consequências e as tendências que elas determinam. Ou seja, cabe ao economista que realmente quer contribuir com o debate abandonar modelos ideais de mercados livres e competitivos funcionando isolados das sociedades e identificar os sinais dos tempos.

Os sinais dos tempos que estamos vivendo serão o assunto dos nossos próximos artigos.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-207226>